

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais  
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo  
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado  
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)  
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)  
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras  
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat  
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)  
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira  
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)  
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»  
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?  
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça  
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)  
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular  
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas  
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias  
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente  
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal  
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)  
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ( $\Delta^{13}C$ ) em sedimentos de sítios arqueológicos  
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)  
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)  
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida  
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar  
Ana Cristina Ribeiro

## 2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto  
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR  
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo  
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português  
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)  
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros  
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave  
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio  
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro  
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro  
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)  
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)  
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)  
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.  
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands  
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR  
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

### 3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”  
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio  
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)  
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)  
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica  
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*  
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022  
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco  
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela  
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)  
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia  
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café  
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)  
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n<sup>os</sup> 8/10  
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio  
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)  
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial  
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana  
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)  
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)  
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas  
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal  
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)  
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo  
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários  
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira  
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana  
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivli*  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso  
Gil Vilarinho

#### 4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)  
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)  
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo  
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas  
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico  
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus  
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra  
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora  
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra  
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)  
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna  
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)  
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material  
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas  
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

### 5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva  
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino  
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende  
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno  
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro  
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno  
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)  
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)  
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre  
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal  
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)  
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias  
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa  
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso  
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada  
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso  
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação  
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha  
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama  
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa  
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)  
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia  
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)  
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)  
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)  
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares  
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa  
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)  
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?  
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora  
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação  
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)  
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade  
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz  
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria  
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

## 6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal  
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)  
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação  
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)  
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora  
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX  
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama  
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José  
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)  
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades  
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão  
Joel Santos / Susana Pacheco

## 7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica  
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa  
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa  
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa  
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)  
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).  
Informação empírica e hipóteses interpretativas  
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)  
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)  
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes  
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)  
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

## **8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática**

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história  
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas  
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023  
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo  
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos  
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)  
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica  
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória  
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa  
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade  
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?  
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte  
Pedro da Silva / Inês Moreira

### **9. Historiografia e Teoria**

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface  
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História  
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia  
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema  
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego  
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica  
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses  
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos  
Célia Nunes Pereira

### **10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica  
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos  
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino  
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**  
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***  
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**  
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**  
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**  
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**  
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**  
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**  
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**  
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**  
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**  
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**  
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**  
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**  
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**  
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**  
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**  
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos



# CERCA DO CASTELO DE CHÃO DO TRIGO (S. PEDRO DO ESTEVAL, PROENÇA-A-NOVA): RESULTADOS DE TRÊS CAMPANHAS DE ESCAVAÇÕES (2017-2019)

Paulo Félix<sup>1</sup>

## RESUMO

Apresentamos os resultados preliminares de três campanhas de escavações que decorreram no povoado fortificado da Segunda Idade do Ferro da Cerca do Castelo de Chão do Trigo. Este local de povoamento situa-se num meandro da ribeira do Estevês, tributária da margem direita do rio Ocreza, no concelho de Proença-a-Nova. Apesar da profunda destruição provocada pelas surribas realizadas nos últimos cem anos, são ainda distinguíveis restos de muralhas sobrepostas por estruturas murárias atuais. Nos trabalhos de escavação pudemos registar duas linhas de fortificação, bem como um paramento retilíneo que deverá corresponder a uma estrutura habitacional. Entre os materiais recuperados, avultam as formas de cerâmica comum características deste período, de recipientes com colo estreito e baixo e bordos muito salientes.

**Palavras-chave:** Proto-História; Idade do Ferro; Ocreza; Lusitanos.

## ABSTRACT

We present the preliminary results of three campaigns of archaeological excavations that took place at Cerca do Castelo de Chão do Trigo. This settlement, dated from the Late Iron Age, is placed in a meander of the Estevês stream, a tributary of the right bank of the Ocreza, in the municipality of Proença-a-Nova. Despite the extended destruction caused by deep ploughing done in the last centuries, we can observe vestiges of fortification walls superimposed by modern structures. As a result of the excavations, we were able to record two lines of fortifications, as well as a straight wall that should correspond to a housing structure. Among the recovered materials, pottery is dominated by the most common forms and productions of this period.

**Keywords:** Protohistory; Iron Age; Ocreza; Lusitanians.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo são apresentados os resultados de síntese dos trabalhos arqueológicos realizados em 2017, 2018 e 2019 no sítio arqueológico da Cerca do Castelo de Chão do Trigo (2), um povoado fortificado da Segunda Idade do Ferro localizado nas proximidades da margem direita do rio Ocreza, alguns quilómetros a norte da sua confluência com o rio Tejo. Está registado na base de dados nacional de gestão do património arqueológico “Endovélico” com o código CNS 2447.

A investigação foi realizada no âmbito do projeto “Povoamento do 5º ao 1º milénio a.C. entre o Tejo e o Zêzere na atual Beira Baixa (MESOPOTAMOS)”, dirigido por João Carlos Caninas, e financiada pelo Município de Proença-a-Nova através do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN), edições de 2017, 2018 e 2019. A intervenção de 2017 contou, igualmente, com o apoio financeiro do Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ). Não podemos deixar de expressar aqui o nosso agradecimento pelo precioso apoio logístico, técnico e humano prestado pela Câmara Municipal de

1. Associação de Estudos do Alto Tejo / pfelix.arqueologia@gmail.com

2. Está em preparação uma publicação mais extensa que recolherá de forma mais detalhada os resultados destas intervenções.

Proença-a-Nova, personificado no seu Presidente, Eng.º João Lobo, no Vereador Dr. João Manso e nos técnicos Arq.<sup>a</sup> Isabel Gaspar e Sr. António Sequeira. A organização destas campanhas contou também com o inestimável suporte da Associação de Estudos do Alto Tejo, concretizado na gestão de diversos aspetos administrativos.

Agradece-se, igualmente, o apoio concedido pelos proprietários dos terrenos onde se realizaram as intervenções, através das respetivas autorizações, sem as quais estes trabalhos não teriam sido possíveis.

Finalmente, um agradecimento muito particular a todos quantos contribuíram para levar este projeto a bom porto (ao qual ainda não chegou...), em especial João Carlos Caninas, Francisco Henriques, Cátia Mendes, Pedro Baptista, Catarina Gil Anacleto, Artur Henriques e Mário Monteiro, sem olvidar, porque não o merecem, todo o contingente de voluntários, estudantes de Arqueologia ou não, que passaram pela Cerca do Castelo nestes três anos.

## 2. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

O povoado fortificado da Cerca do Castelo de Chão do Trigo localiza-se nas imediações do lugar de Monte Fundeiro, freguesia de São Pedro do Esteval, concelho de Proença-a-Nova e distrito de Castelo Branco (Figura 1). Tem as seguintes coordenadas (*datum* WGS84, coordenadas oficiais publicadas no “Endovélico”):

Latitude: 39,67651 N; Longitude: -7,79061;

Altitude: ± 212 metros.

Situa-se num meandro da ribeira do Estevês, tributária da margem direita do rio Ocreza, a pouco mais de 15,5 km a norte da sua desembocadura no rio Tejo. É um cabeço de tamanho médio, com eixo principal orientado WNW-ESE, cerca de 175 m de comprimento neste eixo e 75 m no eixo transversal, o que define um espaço grosseiramente retangular limitado por caminhos atuais que parecem ter sido abertos na base de uma muralha de lajes de xisto sobrepostas e travadas com barro. Os limites reais do povoado apenas poderão ser aferidos com a continuação da intervenção arqueológica sistemática.

Do ponto de vista do enquadramento geológico, o substrato é formado por rochas metassedimentares do Neoproterozoico que pertencem ao Grupo das Beiras (Supergrupo Dúrico-Beirão, Oliveira *et al.*, 1992), antes referido como Complexo Xisto-Grauváquico, de idade pré-ordovícica. É composto, de uma

forma genérica, por depósitos sedimentares de fácies turbidítica, tanto distais como proximais, originados em amplos leques submarinos, pontualmente sedimentos de bacias restritas de pouca profundidade. Acumularam-se numa bacia marinha alargada na transição entre o Neoproterozoico e o Câmbrico, no final do ciclo orogénico cadomiano, entre cerca de 565 e 500 Ma (Nance *et al.*, 2012; Neto de Carvalho & Rodrigues, 2012). No cabeço onde se instalou o povoado da Idade do Ferro afloram metagrauvas com algumas intercalações de metasiltitos e metapelitos laminados, da Unidade de São Pedro do Esteval (Meireles, Castro & Ferreira, 2014; Ferreira & Piçarra, 2020; Meireles, 2020).

## 3. HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO E BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

A Cerca do Castelo foi descrita pela primeira vez nas *Memórias Parochiaes* de 1758 (Tomo XXVIII, fl. 1028, *apud* Azevedo, 1901, p. 110, n.º 378; Catharino, 1933, p. 218) nos seguintes termos:

*“hũa antiga povoação no alto de hum monte e este circumdado de hum grande ribeiro chamado Esteves que se dis ser dos romanos, era murado com duas portas de que ainda há vestigios e se mostra ser dos mesmos porque sempre na cultura das terras dentro e fora se acham algũas moedas de prata e todas são dos romanos”*.

Algumas dezenas de anos antes dos inquéritos que se seguiram ao terramoto de 1755, supõe-se ter sido achado um tesouro formado por cerca de três centenas de moedas de prata, que datariam, aparentemente, da transição entre eras (*Ibid.*; Hipólito, 1960-1961, p. 71). Este hipotético tesouro, registado no “Endovélico” com o CNS 10373, foi imediatamente vendido pelo seu achador, tendo-se perdido, desde esse momento, constância do seu paradeiro. Nunca pôde ser estudado nem, em abono da verdade, se sabe exatamente onde foi encontrado e qual o grau de veracidade das informações transmitidas ao inquiridor.

Em 1979, foram realizados neste sítio trabalhos de terraplanagem destinados à construção de plataformas mais adaptadas para a plantação de oliveiras, o que levou ao registo e recolha de diverso material cerâmico e uma mó rotativa (Diogo & Catarino, 2006). As cerâmicas foram estudadas e sumariamente publicadas por estes autores, que as classificaram como “*características de níveis ocupacionais indígenas da Idade do Ferro final, podendo, no seu espectro cronológico mais lato, ser contemporâneos dos finais da*

*República e inícios do período imperial” (Ibid., p. 154).* Nas visitas que, pouco tempo depois, vários investigadores da Associação de Estudos do Alto Tejo realizaram à Cerca do Castelo (Henriques *et al.*, 2016), recolheram-se algumas cerâmicas que são em tudo semelhantes às estudadas e publicadas anteriormente: formas bojudas de bordo saliente com secção arredondada ou quadrangular e colo pronunciado. As pastas apresentam-se grosseiras, mas relativamente compactas, com predomínio de cozedura redutora e fase de arrefecimento em ambiente oxidante. A modelação é maioritariamente manual, com ou sem recurso à técnica chamada de “torno lento”.

O povoado situa-se numa elevação quase totalmente envolvida pelo curso do ribeiro, sendo ainda visíveis restos de muralha sobrepostos por muro moderno, num circuito contínuo nos sectores ocidental, setentrional e oriental. O único acesso que não implique a subida de declives muito abruptos situa-se a WSW, onde um pequeno istmo faz a ligação entre cabeços (Figura 2). É um claro exemplo de uma modalidade de povoamento muito divulgada durante a Segunda Idade do Ferro, neste caso inserido num território que terá pertencido a um dos vários *populi* do étnico lusitano (Alarcão, 2001).

#### 4. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

A intervenção foi planeada no contexto mais geral da investigação do povoamento pré e proto-histórico nesta região entre rios, decidida em 2016 e concretizada no ano seguinte. As condições de conservação deste sítio arqueológico eram fonte de preocupação, por causa de todas as alterações que sofreu ao longo da sua história, particularmente nos anos mais recentes. Na mesma primavera de 2017, por ocasião de uma visita preparatória, detetámos que se tinha realizado a abertura de um novo caminho que unia as extremidades ocidental e oriental através da encosta norte, pouco acima do hipotético nível de arrasamento da muralha exterior. Se dúvidas ainda subsistissem acerca da necessidade de começar a investir aqui, rapidamente ficaram dissipadas.

As escavações incidiram inicialmente em dois sectores de intervenção, designados Sector 1 e Sector 2, e esta estratégia manteve-se nas campanhas posteriores, com os naturais alargamentos em área.

O **Sector 1** foi implantado na extremidade ocidental do cabeço e cobria uma área que identificámos pre-

viamente como fazendo parte da muralha que circundava o povoado, bem como parte do espaço interno a esta (Figura 3). Dentro deste sector abriu-se, inicialmente, um corte exploratório, cujos objetivos principais consistiam na recolha de informação sobre as características estruturais e qual o nível de conservação da muralha. Pretendia-se, igualmente, a documentação de estratigrafia e/ou estruturas construídas no espaço situado no interior do recinto, em área confinante com o tardoz da muralha e noutra área localizada alguns metros mais acima. Foi intervencionada uma área de 68 m<sup>2</sup>, alargada em 2018 e 2019 para um total de 316 m<sup>2</sup>.

A intervenção revelou, num primeiro momento, materialidades que faziam parte do corpo estrutural daquilo que veio a ser confirmada como a linha exterior de fortificação: clastos de diversos calibres, tendencialmente alongados, todos de rocha obtida localmente (metapelitos e metagrauvaques), quer por desbaste do substrato rochoso, quer por recolha nas imediações, sobretudo junto dos cursos de água, como o indica a presença frequente de clastos que apresentam índices muito apreciáveis de arredondamento das arestas. Estes estavam presentes em praticamente todas as classes granulométricas de calibre seixo ou superior, mas observava-se a utilização preferencial de grandes lajes de arestas arredondadas, de litologia mais arenítica, como elementos de definição da estrutura da muralha. Esta apresentava uma metodologia construtiva assente na aplicação de uma técnica de cimentação da estrutura de amuralhamento em caboucos que escavam o substrato rochoso em diversos patamares. Pese embora ainda não possamos confirmá-lo para além de todas as dúvidas, porque não procedemos a qualquer desmonte ao longo destes três anos, cada um destes patamares aparentava ter recebido um alicerce de clastos de diversos tamanhos, imbricados entre si e cimentados com uma argamassa de argila amarela bastante coesa.

Na planta da muralha surgem áreas em que o substrato rochoso já não comportava qualquer indício de alicerce, enquanto outras, contíguas, o mostravam claramente (Figura 4). Não é de descartar a possibilidade de ter existido imbricação entre os elementos estruturais a cotas mais elevadas dentro do enchimento da muralha, hoje impossível de demonstrar no sector já escavado. Por outro lado, parece definir-se, entre duas áreas com elementos construídos, uma espécie de corredor que poderá corresponder a vestígios de uma estreita passagem de acesso que

subiria, em diagonal, desde um eventual caminho de ronda situado a cota inferior (talvez onde está atualmente o caminho que rodeia o cabeço).

A procura de evidências da face interna da muralha foi outro dos objetivos centrais da intervenção neste sector, propósito que não foi logrado com a clareza necessária para documentar, para além de qualquer dúvida, a sua delimitação, posicionamento relativo e técnica de construção. Foi apenas detetado um conjunto de blocos que pareciam estar *in situ*, alinhados, que podem fazer parte dessa face. Outros blocos, já fora de posição, poderiam ter pertencido, igualmente, àquela unidade estrutural.

Paralelamente à intervenção na área da muralha, abriram-se unidades de registo a nordeste, no seguimento das que foram desenhadas naquela área. Numa primeira fase, documentaram-se derrubes e um alinhamento pétreo bem definido que, pensávamos então, poderiam testemunhar a presença de uma estrutura habitacional já muito derruída.

No entanto, com o alargamento realizado em 2019, verificámos que esse alinhamento correspondia à base de um muro de socalco desativado, muito provavelmente, durante as surribas da década de 1970, que, por sua vez, assentava sobre o topo arrasado de uma segunda linha de muralha do povoado (Figura 3). O **Sector 2** foi implantado no topo da vertente nordeste do cabeço (Figura 5), a alguns metros de distância do que aparenta ser o limite oriental do povoado, numa área com solo liberto de vegetação, apenas ocupada com oliveiras distanciadas vários metros entre si e onde afloravam alguns clastos e fragmentos cerâmicos com sinais de reduzido transporte. Aqui procurava-se detetar, sobretudo, restos de unidades habitacionais que pudessem estar ainda minimamente preservadas. O cuidado colocado na desmontagem dos sedimentos implicou que, na campanha de 2017, a escavação se tivesse detido em níveis ainda muito superficiais, sem qualquer indício da presença de estruturas antigas.

Em 2018, procedeu-se ao alargamento e aprofundamento da área intervencionada no ano anterior, perfazendo um total de 40 m<sup>2</sup>. Foram, então, identificadas diversas realidades estratigráficas: depósitos formados por uma mistura de sedimentos e clastos tabulares de rocha metassedimentar local distribuídos de forma caótica, uma possível estrutura negativa de configuração subcircular preenchida com clastos, nomeadamente seixos e pequenos blocos tabulares angulosos, que aparentavam convergir

para um ponto central onde se denotava a existência de um sedimento enegrecido, e o embasamento de uma estrutura retilínea constituída por clastos com argamassa de ligante argiloso e com uma das faces adossada ao afloramento rochoso. Junto a este possível alicerce, começou a definir-se um alinhamento pétreo de contorno ligeiramente circular que parece estar subjacente ao primeiro, sugerindo, assim, uma eventual sobreposição de estruturas.

## 5. ESPÓLIO

O espólio recolhido é formado por cerâmicas de uso comum, elementos metálicos (incluindo escória de fundição de ferro), elementos de adorno e elementos de produção.

As cerâmicas são formadas por formas bojudas de bordo saliente com secção arredondada e quadrangular, colo pronunciado, por vezes marcado por linha de resalto na sua parte inferior. As pastas são grosseiras, mas relativamente compactas, com domínio de cozedura redutora e fase de arrefecimento em ambiente oxidante, o que lhes confere a típica fratura com cerne escuro e extremos alaranjados ou castanho-claros. A montagem é manual, com ou sem recurso à técnica chamada de “torno lento” ou “torno de mão”. A presença de recipientes montados em torno rápido é muito residual (Figura 6). Este repertório vascular não foge ao que poderemos considerar a “norma” nos locais de povoamento destas cronologias no sector central interior do território atualmente português (Arruda, 2005; Silva, 2005; Fernandes, 2013), com extensão para as paragens confinantes para lá da fronteira com Espanha (Martín Bravo, 1999; 2009).

Fugindo ao panorama de base está um fragmento de recipiente de forma desconhecida, mas com parede fina ( $\pm 5$  mm), pasta castanho-clara relativamente bem depurada, e ambas as superfícies cobertas com um engobe ou verniz negro. A superfície exterior apresenta uma linha de decoração estampilhada, com um motivo para o qual ainda não encontramos paralelos, embora talvez o possamos incluir no grupo mais amplo das palmetas: tem aparência cordiforme, com uma série de pontos a ladear a figura. O contexto de recuperação é o de um nível estratigráfico superficial e muito perturbado por séculos de atividades agrícolas desenvolvidas no cabeço: apareceu junto ao que restava de um muro de sustentação de socalco, entretanto desativado e destruído, que

assentava sobre o arrasamento da muralha interior. Trata-se, na nossa opinião, de forma que imita as produções romano-republicanas de verniz negro, com inclusão de motivo decorativo de tradição centro-peninsular, aqui chegada, com elevada probabilidade, no contexto das movimentações militares das tropas da República (Sousa *et al.*, 2016-2017, p. 11). Foram recolhidos alguns fragmentos de mós de tipologia rotativa manual. Com os dados de que dispomos atualmente, os sistemas de moagem rotativa apenas terão surgido na transição entre os séculos VI e V antes da nossa era, expandindo-se a partir de um núcleo original centrado no mundo ibérico do nordeste da Península e sudeste de França para a zona levantina, murciana e andaluza (Adroher e Molina, 2014; Alonso, 2015). No entanto, é plausível alguma ligação ao mundo colonial semítico, nomeadamente no ocidente, onde, segundo Carlos Fabião (2021, p. 121), os exemplares de Santa Olaia poderão ser tão antigos quanto o período compreendido entre o século VII e os inícios do século VI antes da nossa era. A presença deste instrumental em território hispânico só se teria generalizado a partir do século III-II antes da nossa era (Alonso, 2015, p. 29), substituindo progressivamente a tradicional moagem em vaivém, mas com convivência paralela com esta durante bastante tempo: não faltam exemplos da utilização das mós de vaivém em plena Idade do Ferro, quer na Península Ibérica, quer em território francês (Adroher e Molina, 2014; Quesada, Kavanagh e Lanz, 2014; Rodríguez Díaz *et al.*, 2014; Alonso, 2015; Alonso e Frankel, 2017; Antunes, 2018; Fabião, 2021). Da Cerca do Castelo provêm três contas, duas manufaturadas em vidro e uma terceira que, sem um estudo de arqueometria que o comprove definitivamente, aparenta ter sido obtida a partir do polimento de um fragmento de rocha metamórfica de cor negra. Das outras contas, uma é em vidro translúcido amarelo-esverdeado, a outra em vidro azul cobalto. Por seu turno, esta última é de reduzidas dimensões, verdadeira missanga, enquanto as outras duas são de tipologia anular. As contas de vidro e de outros materiais são comuns nos contextos do Ferro Pleno/Tardio do meio-dia peninsular, sendo possível recuar-se a sua utilização, ainda que em números marginais, ao final da Idade do Bronze/inícios da Idade do Ferro, tornando-se mais frequentes a partir do segundo quartel do primeiro milénio antes da nossa era (Arruda *et al.*, 2016, p. 84). Aliás, não existem ainda dados que suportem o estabelecimento

da produção vidreira primária em contextos peninsulares antes do último quartel do primeiro milénio antes da nossa era, considerando-se todos os produtos de cronologia mais antiga como importações, sobretudo do Mediterrâneo Oriental, quer sob a forma de objetos acabados, quer de lingotes de pasta vítrea que sofreram posterior transformação local (Adroher, Sánchez y Caballero, 2005; Arruda *et al.*, 2016, pp. 84-85), como nos testemunham os achados de peças com defeito de fabrico, entre outros restos materiais, registados no Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.*, pp. 93-94). No entanto, as contas de colar não são, regra geral, bons indicadores cronológicos, sobretudo as de formas mais simples, anulares com bordos arredondados, como as que já registámos na Cerca do Castelo, já que parecem estar presentes em toda a diacronia correspondente à segunda metade do primeiro milénio antes da nossa era sem qualquer alteração morfológica. Quanto ao tipo de contextos, aparecem na grande maioria dos contextos funerários da Idade do Ferro do sul do país, surgindo quase sempre, também, nos sítios de habitat, por vezes em elevada quantidade, como na Cabeça de Vaiamonte, Monforte (Fabião, 2001a), nos Moinhos Velhos, Mafra (Caninas *et al.*, 2006), ou no Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos (Arruda *et al.*, 2016). Sobre o fragmento de metal, em provável liga de cobre, com dois orifícios que, ao que julgamos, serviriam para sujeição do cabo, não existem ainda dados suficientes para avançarmos mais na sua caracterização e atribuição funcional. Tendo em consideração as suas dimensões (46 mm de comprimento conservado por cerca de 11 mm de largura e menos de 1 mm de espessura), pensamos tratar-se da secção anterior de uma pequena faca ou lâmina similar. A ausência das restantes secções não nos possibilita avançar qualquer tipo de tentativa de enquadramento tipológico.

## 6. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povoado fortificado da Cerca do Castelo do Chão do Trigo é um exemplo com cabimento no Tipo III – castros em espigão fluvial – de Luís Berrocal-Rangel (1992, p. 128; 1994, p. 202). Este enquadramento é válido tanto para os critérios topográficos, como cronológicos. Trata-se de uma modalidade de ocupação sistemática de um território repetida em várias paragens do quadrante sudoeste da Península

Ibérica, bem circunscrita num determinado período da Idade do Ferro: entre finais do século V/inícios do século IV antes da nossa era e a desestruturação provocada pelas campanhas militares romanas e subsequente romanização, nos séculos I antes da nossa era e da era corrente (Fabião, 1998; 2001b). Os dados que possuímos neste momento sobre a Cerca do Castelo fazem-nos supor que a ocupação deste sítio se produziu dentro deste lapso temporal, que nos habituámos a chamar de “Segunda Idade do Ferro”. Em território atualmente português, a investigação centrada no primeiro milénio antes da nossa era é muito díspar, o que tem como consequência diferentes níveis de detalhe no conhecimento da evolução do povoamento deste período. Para as regiões mais próximas daquela que nos diz respeito, podemos apontar como mais avançadas nesses níveis de conhecimento as áreas da bacia do Guadiana, a partir da Serra d’Ossa e em direção a sul (Fabião, 1998; 2001b; Arruda, 2005; Calado e Mataloto, 2008; Albergaria e Melo, 2013), e do estuário do Tejo, entendido em sentido alargado (Arruda, 1999-2000; 2005; 2017; Cardoso, 2004; Sousa, 2013; 2016a; 2016b). Nesta última região, que nos importa mais devido à sua proximidade e prováveis conexões históricas, a seguir a uma etapa com marcado cariz colonial, ou “orientalizante”, caracterizada por um modelo de exploração e controlo do território que se baseou na instalação de estabelecimentos orientais localizados em povoados indígenas de média ou grande dimensão, complementados por um talvez elevado número de pequenos sítios rurais, a chamada “crise do século VI” (Ordóñez Fernández, 2011) trará consigo importantes modificações ao modelo, mas que não implicaram uma retração das dinâmicas demográficas e económicas: antes pelo contrário, é descortinável em *Olisipo* o aumento da área habitada e, nas regiões mais próximas, o aparecimento de novos sítios de habitat, de tipologias que vão desde as pequenas explorações agropecuárias, continuando uma tradição anterior, até à fundação de aglomerados de maior extensão nas terras mais interiores da Estremadura e Ribatejo (Sousa, 2016a; 2016b). Por outro lado, o processo de “regionalização” do mundo pós-orientalizante que se observa em todo o quadrante sudoeste da Península Ibérica revestir-se-á, aqui, de particularismos muito interessantes, como a reinvenção da panóplia cerâmica de tradição oriental, que conservará, de qualquer forma, um carácter orientalizante bem vincado. Paralelamente com a região gaditana,

mas de modo diferente desta, o estuário do Tejo manterá bem viva uma identidade herdada da sua inserção no mundo colonial semita ocidental até à conquista romana (Arruda, 2005, pp. 82-83).

Aproximando-nos ainda mais do contexto geográfico específico onde se insere a Cerca do Castelo, a região entre Tejo e Zêzere e a ocidente deste último rio, a partir de determinada altura, em cronologias ainda imprecisas por falta de investigação de maior fôlego, surgem os povoados fortificados de pequenas dimensões (cerca de um hectare de superfície), localizados em cerros de encostas abruptas limitadas por uma ou duas linhas de água, em esporões de meandro ou confluência de ribeiros/rios. Encontram-se normalmente disfarçados na paisagem, isto é, são apenas visíveis a curta distância porque estão rodeados por elevações de cotas mais elevadas. O controlo da sua vizinhança mais imediata e dos acessos é apenas direto para um pequeno sector, por vezes nem sequer um quadrante, o que implicaria, muito provavelmente, o estabelecimento de pontos de vigia em sítios estratégicos das imediações. Regra geral, possuem um acesso de relativa facilidade, o da extremidade oposta à do esporão, que se encontra fortemente defendido por uma ou mais linhas de muralha.

Qual a época de emergência destes novos povoados? As informações de outras áreas que nos servem de termo de comparação indicam reiteradamente os inícios da segunda metade do primeiro milénio antes da nossa era, talvez mesmo já o século IV antes da nossa era. Os sítios proto-históricos mais próximos da Cerca do Castelo que já tiveram algum tipo de intervenção pertencem à fase final da Idade do Bronze, com ou sem prolongamento comprovado para uma etapa que pertença sem qualquer tipo de dúvidas à “Primeira Idade do Ferro” – por exemplo, Castelo de Abrantes (Portocarrero, Delfino e Gaspar, 2015), Cabeça das Mós, Sardoal (Félix, 2006), Cerro do Castelo da Seada, Vila de Rei (Batata, 2006), castros de Santa Maria Madalena e de Nossa Senhora da Confiança, concelho da Sertã (*Ibid.*), ou Castelo Velho da Zimbreira, em Mação (Delfino e Cura, 2017). Em Proença-a-Nova, o recinto muralhado do Chão do Galego, publicado como eventual povoado ou lugar de agregação do Bronze Final (Félix *et al.*, 2017), parece-nos ser cada vez mais outro tipo de contexto, possivelmente associável às movimentações militares romano-republicanas (Félix, 2021). Salvo um par de situações que nos levantam ainda sérias dúvidas, os dois sítios mais próximos e

escavados com ocupações confirmadas da “Segunda Idade do Ferro” são os níveis pré-romanos de *Seilium*, Tomar (Ponte e Cruz, 2013), e o castro do Cabeço da Argemela, Fundão (Marques *et al.*, 2011-2012; Fernandes, 2013). Por conseguinte, estamos diante de um panorama muito fragmentário e insuficientemente conhecido.

Em jeito de conclusão ainda muito preliminar, consideramos que o registo material recuperado até ao momento na Cerca do Castelo de Chão do Trigo é promissor, seja o de tipo estrutural ou o do âmbito da cultura material móvel. A continuidade da investigação implicará o alargamento da área intervencionada, com privilégio de uma abordagem espacial, mas sem descurar a obtenção de dados de natureza diacrónica. Do mesmo modo, as questões que ainda estão em aberto no que concerne ao sistema de fortificação, nomeadamente a dimensão e quantidade de linhas defensivas e a averiguação da existência de estruturas auxiliares, como torres ou bastiões, caminhos de ronda ou a localização dos acessos ao interior do recinto, serão objeto de um investimento sustentado quando retomarmos as escavações neste sítio arqueológico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADROHER AUROUX, Andrés; MOLINA PIERNAS, Eduardo (2014) – La molienda en la Protohistoria del mediodía peninsular ibérico. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 24, pp. 215-237.
- ADROHER AUROUX, Andrés; SÁNCHEZ MORENO, Amparo; CABALLERO COBOS, Alejandro (2005) – Comercio y producción del vidrio en el Mediterráneo prerromano. In VÍLCHEZ VÍLCHEZ, Carlos; TORRE CASTELLANO, Inmaculada; ADROHER AUROUX, Andrés, eds., *Los vidrios griegos en Granada*. Granada: Museo Arqueológico y Etnológico de Granada, pp. 37-48.
- ALARCÃO, Jorge de (2001) – Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 293-349.
- ALBERGARIA, João; MELRO, Samuel (2013) – *Ocupação proto-histórica na margem esquerda do Guadiana*. Évora: EDIA/DRCALEN.
- ALONSO, Natàlia (2015) – “Moliendo en ibero, moliendo en griego”: aculturación y resistencia tecnológica en el Mediterráneo occidental durante la Edad del Hierro. *Veguetta. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia*. Las Palmas de Gran Canaria. 15, pp. 23-36.
- ALONSO, Natàlia; FRANKEL, Rafäel (2017) – A survey of ancient milling systems in the Mediterranean. *Revue Archéologique de l'Est*. Dijon. 43:Supl., pp. 461-478.
- ANTUNES, Ana Sofia (2018) – Moinhos de vaivém e giratórios da Azougada (Moura, Portugal): um contributo para o estudo da moagem no Alentejo interior em meados do I milénio a.C. *Cira-Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 6, pp. 70-99.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal: Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6).
- ARRUDA, Ana Margarida (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série IV, 23, pp. 9-156.
- ARRUDA, Ana Margarida (2017) – A Idade do Ferro orientalizante no vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián; RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Esther, eds., *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid: CSIC (Anejos del Archivo Español de Arqueología; 80), pp. 283-294.
- ARRUDA, Ana Margarida; PEREIRA, Carlos; PIMENTA, João; SOUSA, Elisa; MENDES, Henrique; SOARES, Rui (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 42, pp. 79-101.
- BATATA, Carlos (2006) – *Idade do Ferro e Romanização entre os rios Zézere, Tejo e Ocreza*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- BERROCAL-RANGEL, Luís (1992) – *Los pueblos célticos del suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, Luís (1994) – *Oppida* y castros de la Beturia Céltica. In ALMAGRO-GORBEA, Martín; MARTÍN BRAVO, Ana María, eds., *Castros y oppida en Extremadura*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid (Complutum Extra; 4), pp. 189-241.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2008) – O post-orientalizante da margem direita do regolfo do Alqueva (Alentejo Central). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, ed., *Sidereum Ana I: el río Guadiana en época post-orientalizante*. Mérida: CSIC (Anejos del Archivo Español de Arqueología; 46), pp. 185-217.
- CANINAS, João Carlos; CARDOSO, Guilherme; MONTEIRO, Mário; SABROSA, Armando (2006) – Três novas jazidas da Idade do Ferro em Torres Vedras. *Al-madan*. Almada. IIª Série, 14, p. 6.
- CARDOSO, João Luís (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos

- de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 12).
- DELFINO, Davide; CURA, Pedro (2017) – O sítio amuralhado de altura do Castelo Velho da Zimbreira (Envendos – Mação): cinco anos de investigação num lugar estratégico. *Arkeos*. Tomar. 41, pp. 65-76.
- DIOGO, António Dias; CATARINO, João (2006) – Cerâmica da Idade do Ferro do castro da Cerca do Castelo, Proença-a-Nova. *Al-madan*. Almada. IIª Série, 14, pp. 153-154.
- FABIÃO, Carlos (1998) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento. [Consult. 14 junho 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44209>>
- FABIÃO, Carlos (2001a) – Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In *Os púnicos no extremo ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 197-227.
- FABIÃO, Carlos (2001b) – O povoamento do sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: continuidades e rupturas. In BERROCAL-RANGEL, Luís; GARDES, Philippe, eds., *Entre Celtas e Íberos: las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia/Casa de Velázquez, pp. 227-246.
- FABIÃO, Carlos (2021) – Sobre as mais antigas mós circulares rotativas no ocidente da Península Ibérica: os trabalhos de Santos Rocha nos povoados da Idade do Ferro do baixo Mondego (Santa Olaia e Crasto de Tavadrede). In FERREIRA, Ana Margarida; VILAÇA, Raquel, eds., *Santos Rocha: Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*. Figueira da Foz/Coimbra: Câmara Municipal da Figueira da Foz/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 176-191.
- FÉLIX, Paulo (2006) – O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo Norte (Centro de Portugal): uma breve síntese dos dados arqueográficos”. *Conimbriga*. Coimbra. 45, pp. 65-92.
- FÉLIX, Paulo (2021) – Proto-História. In HENRIQUES, Francisco, ed., *Proença-a-Nova: Arqueologia e Património Construído*. Proença-a-Nova: Câmara Municipal de Proença-a-Nova, pp. 52-59.
- FÉLIX, Paulo; CANINAS, João; HENRIQUES, Francisco; MENDES, Cátia (2017) – O recinto muralhado de Chão de Galego (Montes da Senhora, Proença-a-Nova): contextualização e problemática. *Arkeos*. Tomar. 41, pp. 77-91.
- FERNANDES, Diana (2013) – *O castro do Cabeço da Argemela (Fundão) no seu contexto local e regional: contributo do estudo das cerâmicas da sondagem 9*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado.
- FERREIRA, P. L.; PIÇARRA, José, eds. (2020) – *Folha 6 da Carta Geológica de Portugal à escala 1:200000*. [em linha]. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia. [Consult. 11 maio 2023]. Disponível em WWW:<URL: [https://geportal.lneg.pt/media/c5fp5noc/cgp2ook\\_folha6\\_2021.pdf](https://geportal.lneg.pt/media/c5fp5noc/cgp2ook_folha6_2021.pdf)>. ISBN: 978-989-675-074-9.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João; MONTEIRO, Mário; FÉLIX, Paulo; PEREIRA, André; MENDES, Cátia; CARVALHO, Emanuel (2016) – Arqueologia de Proença-a-Nova: estado dos conhecimentos. In *Atas do II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, pp. 439-466.
- HIPÓLITO, Mário de Castro (1960-1961) – Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 2-3, pp. 1-166.
- MARQUES, João Nuno; ALMEIDA, Sara; FERREIRA, Nuno; VILAÇA, Raquel (2011-2012) – O castro do Cabeço da Argemela (Fundão): trabalhos desenvolvidos entre 2003 e 2009. *Eburobriga*. Fundão. 7, pp. 78-99.
- MARTÍN BRAVO, Ana María (1999) – *Los Orígenes de Lusitania: el I milenio a.C. en la Alta Extremadura*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- MARTÍN BRAVO, Ana María (2009) – Los castros de la cuenca extremeña del Tajo, bisagra entre lusitanos y vettones. In SANABRIA MARCOS, Primitivo, ed. – *Lusitanos y Vettones: los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa-Alto Alentejo-Cáceres*. Cáceres: Museo de Cáceres, pp. 147-160.
- MEIRELES, Carlos, ed., (2020) – *Folha 4 da Carta Geológica de Portugal à escala 1:200000*. [em linha]. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia. [Consult. 11 maio 2023]. Disponível em WWW:<URL: [https://geportal.lneg.pt/media/btkgxcpr/cgp2ook\\_folha4\\_2020.pdf](https://geportal.lneg.pt/media/btkgxcpr/cgp2ook_folha4_2020.pdf)>. ISBN: 978-989-675-080-0.
- MEIRELES, Carlos; CASTRO, Paulo; FERREIRA, Narciso (2014) – Evidências cartográficas, litoestratigráficas e estruturais sobre a presença de discordância cadomiana intra Grupo das Beiras. *Comunicações Geológicas*. Lisboa. 101, Especial I, pp. 495-498.
- OLIVEIRA, José Tomás; PEREIRA, Emilly; PIÇARRA, José; YOUNG, T. P.; ROMANO, Michael (1992) – O Paleozóico Inferior de Portugal: síntese da estratigrafia e da evolução paleogeográfica. In GUTIÉRREZ-MARCO, Juan Carlos; SAAVEDRA, Julio; RÁBANO, Isabel, eds. – *Paleozoico Inferior de Íbero-América*. Badajoz: Universidad de Extremadura, pp. 359-375.
- ORDÓÑEZ FERNÁNDEZ, Rocío (2011) – *La crisis del siglo VI a.C. en las colonias fenicias del occidente mediterráneo: contracción económica, concentración poblacional y cambio cultural*. Oviedo: Universidad de Oviedo [Consult. 15 junho 2023]. Disponível em WWW:<URL: <https://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/handle/10651/12812/TDRocioOrdóñezFernandez.pdf>>.

- NANCE, R. Damian; GUTIÉRREZ-ALONSO, Gabriel; KEPPIE, J. Duncan; LINNEMANN, Ulf; MURPHY, J. Brendan; QUESADA, Cecilio; STRACHAN, Rob A.; WOODCOCK, Nigel H. (2012) – A brief history of the Rheic Ocean. *Geoscience Frontiers*. Beijing. 3:2, pp. 125-135.
- NETO DE CARVALHO, Carlos; RODRIGUES, Joana (2012) – Património Geológico de Proença-a-Nova: caracterização e gestão no âmbito do Geopark Naturtejo. *Açafa on-line* [em linha]. 5, pp. 178-230. [Consult. 10 maio 2023]. Disponível em WWW:<URL: [https://www.altotejo.org/acaafa/docsn5/patrimonio\\_geologico\\_proenca\\_nova.pdf](https://www.altotejo.org/acaafa/docsn5/patrimonio_geologico_proenca_nova.pdf)>. ISSN 2182-1984.
- PONTE, Salette da; CRUZ, Ana Rosa (2013) – A 2ª Idade do Ferro e a indústria lítica sob o Fórum de Seilium (Tomar). In CRUZ, Ana Rosa; GRAÇA, Ana; OOSTERBEEK, Luiz; ROSINA, Pierluigi, eds., *1º Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo: Homenagem a José da Silva Gomes*. Tomar: CEIPHAR, pp. 215-220.
- PORTOCARRERO, Gustavo; DELFINO, Davide; GASPARI, Filomena (2015) – Resultados da primeira e segunda campanha de escavações no Castelo de Abrantes em 2013 e 2014, no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos CASTAB. In *Atas das IV e V Jornadas Internacionais do MIAA*. Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes, pp. 145-165.
- QUESADA SANZ, Fernando; KAVANAGH DE PRADO, Eduardo; LANZ DOMÍNGUEZ, Mercedes (2014) – Los molinos del yacimiento del Cerro de la Cruz (Almedinilla, Córdoba): clasificación y análisis de los ejemplares de época ibérica y emiral. *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología*. Sevilla. 23, pp. 83-118.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio; DUQUE ESPINO, David M.; PONCE DE LEÓN IGLESIAS, Moisés (2014) – Molinos y molienda en el mundo tartésico: el Guadiana y Tajo Medios. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 24, pp. 189-214.
- SILVA, Ricardo Costeira da (2005) – *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C. na Beira Interior*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado.
- SOUSA, Elisa de (2013) – A ocupação da foz do estuário do Tejo em meados do 1º milénio a.C.. *Cira-Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, pp. 103-117.
- SOUSA, Elisa de (2016a) – A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 42, pp. 167-185.
- SOUSA, Elisa de (2016b) – The Tagus Estuary (Portugal) during the 8<sup>th</sup>-5<sup>th</sup> century BCE: stage of transformation and construction of identity: In GARBATI, Giuseppe; PEDRAZZI, Tatiana, eds., *Transformations and crisis in the mediterranean “identity” and interculturality in the Levant and Phoenician West during the 8<sup>th</sup>-5<sup>th</sup> centuries BCE*. Roma: CNR Edizioni, pp. 279-300.
- SOUSA, Elisa de; PIMENTA, João; MENDES, Henrique; ARRUDA, Ana Margarida (2016-2017) – A ocupação proto-histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira-Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 5, pp. 9-32.



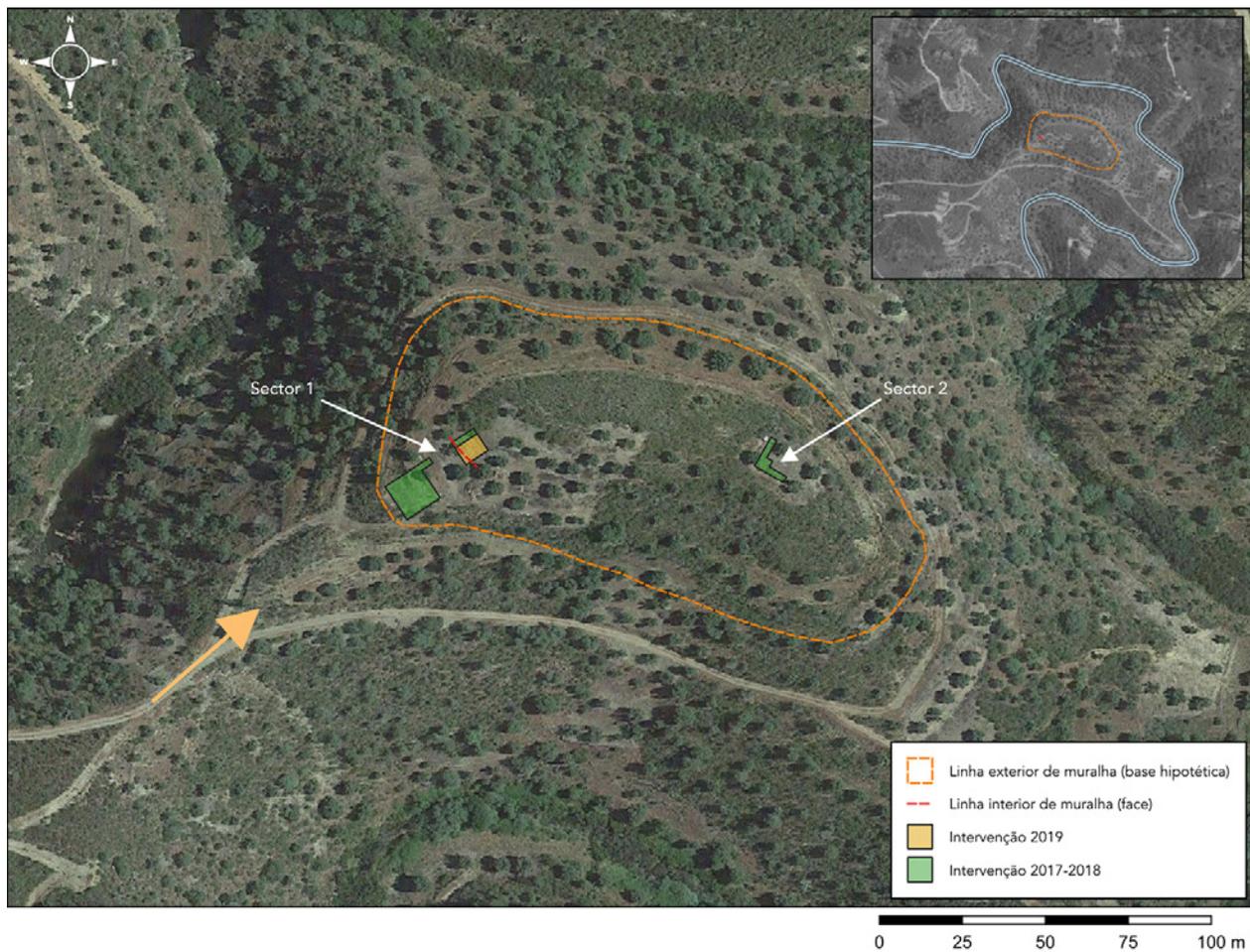


Figura 2 - Implantação topográfica da Cerca do Castelo, com indicação dos sectores escavados em 2017-2019, a delimitação hipotética da base da linha exterior de muralha e a face externa da linha interior, detetada em 2019. A seta alaranjada define o presumível acesso ao povoado por via terrestre (levantamento topográfico e georreferenciação: Hugo Pires; fonte cartográfica: Google Satellite, elaboração própria em SIG).

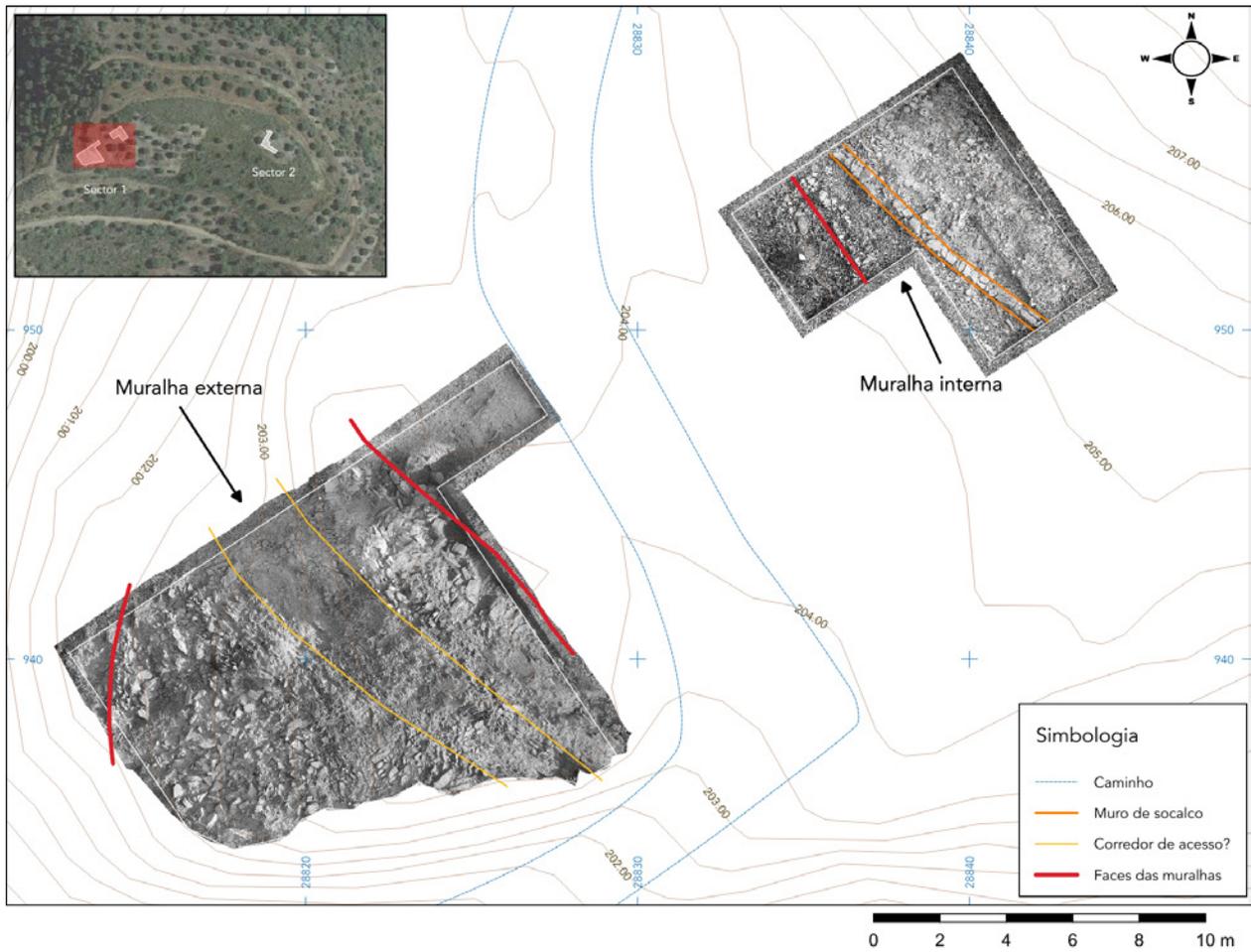


Figura 3 – Registo simplificado do Sector 1 da Cerca do Castelo (levantamento topográfico e fotogramétrico: Hugo Pires; CRS: PT-TM06/ETRS89; elaboração própria em SIG).



Figura 4 – Vista da escavação da muralha externa, notando-se a existência de áreas com e sem clastos imbricados. (fotografias: Paulo Félix).

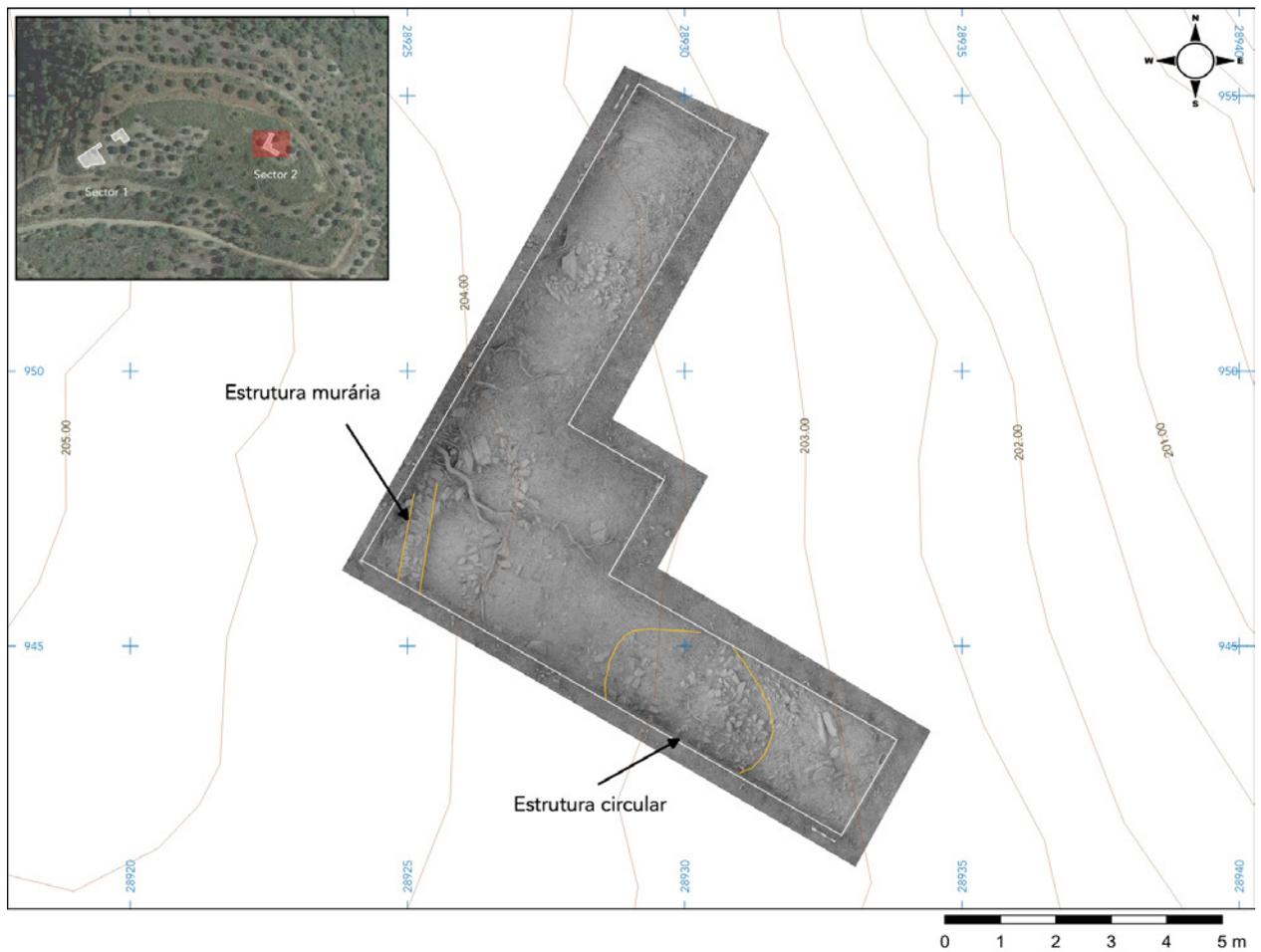


Figura 5 - Registo simplificado do Sector 2 da Cerca do Castelo (levantamento topográfico e fotogramétrico: Hugo Pires; CRS: PT-TM06/ETRS89; elaboração própria em SIG).

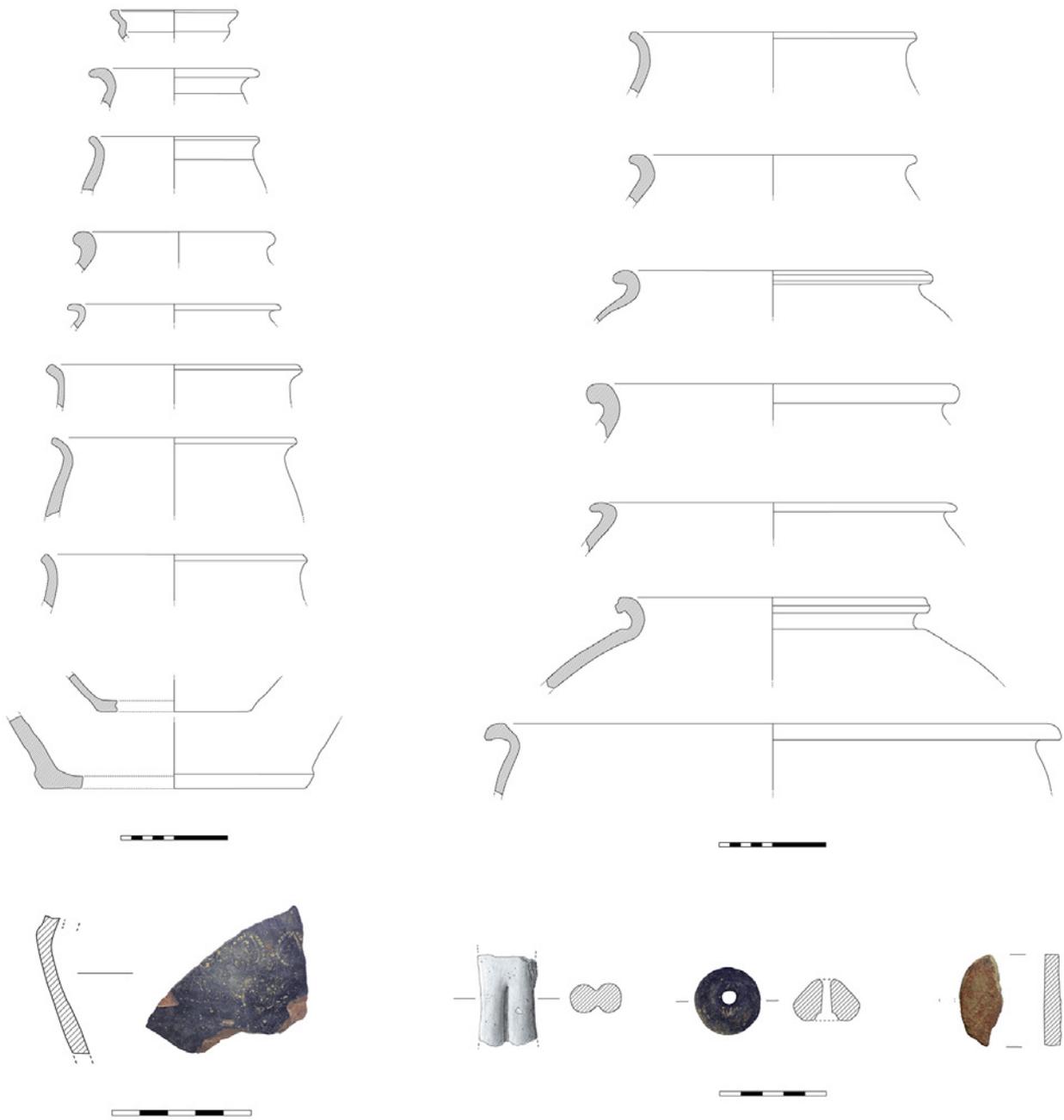


Figura 6 - Amostra do repertório cerâmico recolhido na Cerca do Castelo. Em baixo, à esquerda: fragmento de cerâmica com decoração estampilhada sobre verniz negro; à direita: fragmento de asa bífida, fusaiola e fragmento de disco em rocha metassedimentar (desenhos, fotografias e maquetagem: Paulo Félix).





**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

  
INSTITUTO  
ARQUEOLÓGICO E  
ETNOLÓGICO  
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UC  
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS

  
**CENTRO DE  
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**  
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos  
em Arqueologia,  
Artes  
e Ciências do Património**  
UI&D 281

**fct**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia  
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL  
DE MACHADO DE CASTRO**

**COIMBRIGA**

 **seminário  
maior de coimbra**